

CAPÍTULO 1

I

Quem nunca sentiu um baque súbito no coração ao reviver uma antiga experiência ou sentir uma velha emoção?

“Já passei por isso antes...”

Foi a pergunta que me fiz sentado no trem observando a paisagem plana de Essex do lado de fora.

Há quanto tempo eu havia feito esta mesma viagem? E pensar que eu julgava (por mais ridículo que seja) que o melhor da vida já havia passado! Ferido naquela guerra que sempre seria *a* guerra dentro de mim – guerra agora obliterada por uma segunda guerra ainda mais desoladora.

Ao jovem Arthur Hastings de 1916 parecia que a maturidade já havia sido alcançada. Não conseguia perceber que a vida estava apenas começando.

Embora não soubesse, eu estava indo ao encontro do homem cuja influência viria a modificar e moldar toda a minha existência futura. Na verdade, o plano era passar uns dias com meu velho amigo John Cavendish, cuja mãe, recentemente casada em segundas núpcias, tinha uma casa de campo batizada de Styles. Um reencontro agradável com velhos conhecidos, pensava eu, sem imaginar que mergulharia nas tramas tenebrosas de um misterioso assassinato.

Foi em Styles que reencontrei aquele estranho homenzinho, Hercule Poirot. Havíamos nos conhecido na Bélgica.

Lembrava-me bem de meu assombro ao ver aquela figura claudicante de bigodes enormes vindo em minha direção na rua da aldeia.

Hercule Poirot! Desde os dias em que ele se tornou meu mais querido amigo, sua influência alterou toda a minha vida. Foi na companhia dele, na caça de mais um criminoso, que conheci minha mulher, a companheira mais doce e verdadeira que um homem poderia sonhar em ter.

Ela jaz agora em solo argentino. Morreu como desejara, sem grandes sofrimentos nem a debilidade da velhice. Mas deixou um homem muito sozinho e infeliz neste mundo.

Ah! Se eu pudesse voltar no tempo, viver tudo de novo. Se este pudesse ser aquele dia de 1916, em que viajei pela primeira vez a Styles... Quantas mudanças aconteceram desde então! Quantas ausências entre os rostos familiares! A própria casa Styles havia sido vendida pelos Cavendish. John Cavendish morrera, mas sua esposa, Mary (essa fascinante e enigmática criatura) ainda estava viva e morava em Devonshire. Laurence estava morando na África do Sul, com mulher e filhos. Mudanças – mudanças por toda parte.

Mas *uma* coisa, por mais estranho que possa parecer, não mudara. Eu estava indo a Styles encontrar Hercule Poirot.

Que surpresa quando recebi sua carta. No envelope, lia-se: Styles Court, Styles, Essex.

Não via meu querido amigo há quase um ano. Na última vez que nos encontramos, fiquei chocado e triste. Poirot estava muito mais velho, quase impossibilitado de andar por causa da artrite. Havia ido ao Egito na esperança de melhorar as condições de saúde, mas voltara pior do que antes, dizia na carta. Mesmo assim, escrevia com alegria...

II

Não o intriga, meu amigo, ver o endereço de onde lhe escrevo? Traz velhas lembranças, não? Sim, estou aqui em Styles. Imagine que isto é agora o que eles chamam de hospedaria. É dirigida por um dos vossos velhos coronéis britânicos – desses de gravata antiga, que fazem referências a Pune. A mulher dele, bien entendu, é que faz o lugar funcionar. É boa administradora, mas um tanto peçonhenta, e o coitado do coronel acaba sofrendo nas mãos dela. Se fosse eu, já teria perdido a paciência!

Vi o anúncio deles no jornal e fiquei com desejo de voltar ao local que foi meu primeiro lar neste país. Na minha idade, a pessoa tem prazer em reviver o passado. Bom. Encontrei um cavalheiro, um baronete amigo do patrão de sua filha. (Esta frase parece um pouco com um exercício de francês, não parece?)

Concebi imediatamente um plano. Ele quer convencer os Franklin a vir para cá no verão. Eu, pelo meu lado, desejo que você venha. Assim, ficaremos todos juntos, en famille, o que é muito mais agradável. Portanto, meu caro Hastings, dépêchez-vous, apareça o quanto antes. Reservei-lhe um quarto com banheiro (nossa antiga Styles está modernizada agora, viu?) e negociei o preço com a sra. Luttrell até chegar a um acordo très bon marché.

Os Franklin e sua encantadora Judith já estão aqui há alguns dias. Está tudo combinado. Por isso, nada de desculpas.

A bientôt,
Seu, sempre, Hercule Poirot

A proposta era bastante sedutora, e não hesitei em aceitá-la. Não tinha laços ou uma casa fixa. Dos

meus filhos homens, um estava na Marinha e o outro, casado, administrava uma fazenda na Argentina. Minha filha Grace casou-se com um militar e estava agora na Índia. A única filha que me sobrou, Judith, era aquela a quem secretamente mais amava, embora nunca a tenha entendido. Uma menina discreta, reservada, a ponto de me aborrecer algumas vezes. Minha mulher era mais compreensiva. Afirmou-me que não se tratava de falta de confiança de Judith, mas de uma espécie de compulsão, que também a preocupava às vezes. Os sentimentos de Judith, dizia, eram intensos demais, concentrados demais, e sua reserva instintiva a privava de qualquer válvula de escape. Aqueles surtos de silêncio taciturno e uma inclinação, quase amargurada, à intolerância. Era a pessoa mais inteligente da família, e por isso apoiamos, com grande satisfação, seu desejo de fazer faculdade. Formou-se há cerca de um ano em química e foi trabalhar como secretária de um médico envolvido em pesquisas sobre doenças tropicais. A mulher dele era inválida.

Cheguei a recear que sua dedicação ao trabalho e ao patrão fosse um sinal de que ela havia se apaixonado por ele, mas a natureza profissional de seu relacionamento me tranquilizou.

Sempre acreditei que Judith gostava de mim, mas era incapaz de demonstrá-lo, tornando-se impaciente e até hostil em relação ao que considerava ideias sentimentais e ultrapassadas. Para ser sincero, minha filha me deixava um pouco nervoso!

Nesse momento, minhas divagações foram interrompidas pela chegada do trem à estação de Styles St. Mary. Isso, pelo menos, não tinha mudado, mesmo depois de tantos anos. A estação ainda estava lá, no meio do nada, sem razão aparente para existir.

Quando o táxi passou pela aldeia, contudo, reparei na passagem do tempo. Styles St. Mary estava quase irreconhecível, com postos de gasolina, um cinema, mais dois hotéis e uma série de moradias sociais.

Entrando em Styles, parecia que voltávamos aos tempos antigos. O parque estava praticamente igual, apesar da grama crescida e malcuidada tapando parte do caminho de cascalho. Viramos a esquina e avistamos a casa. Do lado externo, mostrava-se inalterada, embora precisasse de uma boa pintura.

Tal como sucedera anos atrás na minha chegada, vi um vulto feminino inclinado sobre um dos canteiros do jardim. Levei um susto. O vulto, então, endireitou-se e veio em minha direção. Ri por dentro. Não podia imaginar maior contraste entre a robusta Evelyn Howard de antigamente e a frágil senhora com que me deparava agora, de cabelos brancos encaracolados, bochechas rosadas e olhos azuis, muito frios e pálidos, discrepando daquela afabilidade, um pouco afetada demais para o meu gosto.

— O senhor deve ser o capitão Hastings, não? — disse ela. — E eu com a mão toda suja, sem poder cumprimentá-lo. É um prazer tê-lo conosco. Ouvimos muito a seu respeito. Mas não me apresentei. Sou a sra. Luttrell. Meu marido e eu compramos este lugar num momento de loucura e temos tentado tirar algum rendimento dele. Jamais pensei que poderia ser uma hoteleira! Mas garanto que sou uma mulher com muito jeito para os negócios. Guardo o máximo que posso de extras.

Rimos, como se ela tivesse dito uma ótima piada, mas ocorreu-me que as palavras da sra. Luttrell expressavam uma verdade literal. Por trás da aparência encantadora daquela velha senhora, percebi uma dureza pétrea.

Embora tivesse um certo sotaque irlandês, ela não era irlandesa. Era só afetação.

Perguntei-lhe pelo meu amigo.

– Ah, o sr. Poirot. Coitadinho. Como estava ansioso à sua espera! Uma cena capaz de amolecer um coração de pedra. Tenho pena dele, de vê-lo sofrendo como sofre.

Caminhávamos em direção à casa. Ela tirava as luvas de jardinagem.

– E a sua linda filha – continuou. – Que menina adorável. Todos a admiramos muito. Mas eu sou meio antiquada, sabe, e me parece uma pena, e até um pecado, que uma menina como essa, que deveria estar indo a bailes e dançando com rapazes, perca tempo debruçada sobre um microscópio. Deixe esse tipo de coisa para as desmazeladas.

– Onde está Judith? – perguntei. – Está por aqui perto?

A sra. Luttrell fez uma careta.

– Ah, coitadinha. Está enfurnada naquele estúdio no fundo do jardim. O dr. Franklin o aluga de mim. Transformou a sala num laboratório improvisado, com porquinhos-da-índia, coitadinhos, ratos e coelhos. Não gosto muito desse tipo de ciência, para falar a verdade. Ah, olha o meu marido aí.

O coronel Luttrell acabava de aparecer de trás da casa. Era um homem muito alto, de certa idade, com rosto cadavérico, olhos azuis tranquilos e o hábito de cofiar irresolutamente seu bigodinho branco.

Tinha uma expressão um pouco vaga e nervosa.

– George, o capitão Hastings acabou de chegar.

O coronel Luttrell apertou minha mão.

– Veio no trem das cinco e quarenta, não?

– Em que outro poderia ter vindo? – observou a sra. Luttrell com severidade. – E, aliás, o que importa? Leve-o lá para cima e mostre-lhe seu quarto, George. Talvez ele

queira ver o sr. Poirot imediatamente. Ou prefere tomar um chá primeiro?

Respondi que não queria chá e que preferia encontrar logo o meu amigo.

– Certo – disse o coronel Luttrell. – Venha comigo. Espero que já tenham levado suas coisas lá para cima. Daisy?

A sra. Luttrell disse com aspereza:

– Isso é responsabilidade sua, George. Eu estava trabalhando no jardim. Não tenho como cuidar de tudo.

– É verdade. Vou resolver, minha querida.

Subi com ele as escadas da entrada e cruzamos com um sujeito de cabelo grisalho, magro, que saía apressadamente com um binóculo na mão, mancando. Exteriorizava uma animação quase infantil.

– Há um par de toutinegras formando ninho lá embaixo, perto do plátano – anunciou gaguejando um pouco.

Quando entramos no hall, Luttrell explicou:

– É o Norton. Boa gente. Louco por pássaros.

No hall, encontramos outro homem muito alto, parado ao lado da mesa. Tinha acabado de fazer uma ligação.

– Gostaria de poder enforcar, esquartejar e queimar todos os empreiteiros e mestres de obras. Nunca fazem nada direito. Malditos!

Sua fúria era tão cômica e deplorável que nós dois rimos. Senti-me logo atraído por aquele sujeito. Era um homem muito bonito, apesar de já ter passado bastante dos cinquenta anos, de rosto bem bronzeado. Dava a impressão de ter vivido sempre ao ar livre, lembrando esse tipo de indivíduo, cada vez mais raro, da velha escola inglesa, prático, amante da vida na natureza e capaz de comandar.

Fiquei surpreendido quando o coronel Luttrell me apresentou a ele como sendo sir William Boyd Carington. Eu sabia que ele havia sido governador de uma província na Índia, onde tivera muito sucesso. Também era renomado por ser um grande atirador e caçador. O tipo de homem, refleti com tristeza, que já não existe mais nestes tempos degenerados.

– Ah, que alegria poder conhecer pessoalmente esse famoso personagem, *mon ami* Hastings – disse sorrindo. – Nosso querido belga fala muito do senhor, sabia? E sua filha, como já deve saber, está aqui. Uma moça muito gentil.

– Não creio que Judith fale muito de mim – comentei com bom humor.

– Não mesmo. É uma moça moderna. Essas meninas de hoje em dia parecem constrangidas de admitir que têm um pai e uma mãe.

– Os pais são praticamente uma desgraça – completei. Ele riu.

– Bem, não sofro nesse sentido. Não tenho filhos, o que é muito pior. Sua filha é uma menina muito bonita, mas séria demais. Esquisito.

Pegou o telefone de novo.

– Espero que não se importe, Luttrell, se eu mandar sua central telefônica para o inferno. Não tenho paciência.

– Faz bem – disse Luttrell.

Começou a subir, e eu o segui. Conduziu-me pela ala esquerda da casa até uma porta no fim do corredor, e reparei que Poirot tinha escolhido para mim o quarto que eu ocupara antes.

Havia mudanças. Quando passamos pelo corredor, notei, pelas portas abertas, que os espaçosos quartos antigos tinham sido divididos em quartos menores.

Meu próprio quarto, que nunca tinha sido muito grande, estava praticamente inalterado, exceto pela instalação de água quente e fria e um banheiro. A mobília era dessas modernas, baratas, o que me decepcionou. Teria preferido um estilo que se adequasse melhor à arquitetura da casa.

Minha bagagem já estava lá. O coronel me explicou que o quarto de Poirot era exatamente em frente ao meu e já estava me levando para lá quando ouvimos um grito lá de baixo.

– *George!*

O coronel Luttrell estancou como um cavalo nervoso. Levou a mão à boca.

– Eu... Eu... Tem certeza de que está bem? Ligue se precisar de alguma coisa...

– *George!*

O coronel saiu correndo pelo corredor. Fiquei um tempo ainda olhando para ele. Depois, com o coração ligeiramente acelerado, fui bater na porta do quarto de Poirot.